

## EDITORIAL

*Dra. Mara Behlau*

Prezados Colegas,

Com distância de um mês ocorrem dois eventos importantes para a Fonoaudiologia: o *28th World Congress of the International Association of Logopedics and Phoniatrics* – IALP, em Atenas, Grécia (de 22 a 26 de agosto) e o *18º Congresso da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia* - SBFa, em Curitiba, Paraná (de 22 a 25 de setembro). O Congresso da IALP conta com 600 participantes, vindos de mais de 50 países e tem como temas principais o autismo, a neuroplasticidade e a complexidade da dimensão sócio-cultural nos distúrbios da comunicação humana. O Congresso da SBFa conta com 1900 inscritos de quase todos os estados brasileiros (faltam apenas colegas do Acre e de Roraima) e tem como tema principal o “Exercício Profissional: Bases Teóricas, Avanço e Realidade Nacional”. A proximidade de ambos os eventos e a intimidade circunstancial que usufruo, pelo fato de ocupar no presente momento a presidência de ambas as associações (tanto um desafio como um privilégio!), fez-me, inevitavelmente, comparar as duas experiências e observar os principais destaques de cada evento. O desafio do congresso brasileiro é atrair os fonoaudiólogos mais distantes das iniciativas da SBFa para garantir sua educação continuada. Já no caso da IALP, a própria comunicação entre os participantes é o desafio, o que vai além de questões linguísticas e multiculturais, mas também envolve as diferentes perspectivas de formação acadêmica de fonoaudiólogos no mundo: não há um único verbete que identifique nossa profissão no mundo e que possa ser facilmente traduzido em todas as línguas, o perfil profissional é largamente diverso e o nível de formação acadêmica é variável (de técnico à titulação plena de doutor), assim como o escopo da prática. Contudo, após um estranhamento inicial, a interação se estabelece, pois todos compartilham o mesmo objetivo: o estudo da comunicação humana, de seus distúrbios e de todos os aspectos relacionados.

Compreender o papel de nosso país na realidade profissional mundial é complexo. O Brasil representa a segunda maior população mundial de fonoaudiólogos, perdendo somente para os Estados Unidos, cuja profissão é representada pela *American Speech-Language and Hearing Association* – ASHA, cujo poder se baseia no nível de conhecimento produzido por seus membros, por ter 150 mil inscritos em seus quadros e por ter implementado um processo de educação continuada com necessidade de renovação da certificação profissional. Os congressos americanos têm em média 11.000 participantes, os da IALP, 600, e os brasileiros, 1500. Somos reconhecidos como um grupo ativo, importante, que tem buscado se inserir do ponto de vista internacional, produzindo ciência nos diversos aspectos da área dos distúrbios da comunicação humana, disfasia e audição. Formamos a segunda maior delegação internacional no Congresso da IALP na Grécia, perdendo apenas para os Estados Unidos. Os brasileiros tiveram mais de 100 trabalhos aprovados para apresentação em forma de temas livres, pôsteres, seminários, *workshops* e cursos. O momento atual exige aumentarmos ainda mais a representatividade brasileira e essencialmente melhorar a qualidade de nossa produção. A ciência fonoaudiológica está em franco desenvolvimento, os programas de pós-graduação têm produzido um conhecimento premiado no Brasil e no exterior, com pesquisas melhor elaboradas, com desenhos de experimentos mais refinados e conclusões robustas, o que tem permitido romper as barreiras da publicação internacional e atingir algumas marcas importantes. Apenas para destacar uma publicação recente, o fascículo de julho do presente ano, do *Journal of Voice* (24(4): 2010) apresenta três artigos brasileiros. Contudo, a solicitação de financiamento junto às agências de fomento de pesquisa é ainda muito pequena face ao nosso potencial e não nos promove, de forma suficiente, junto às instâncias oficiais.

Observa-se uma preocupação em compreender o que deve ser publicado em nossas revistas e qual o conhecimento que melhor se destina ao perfil de uma publicação internacional. Estamos aprendendo a fazer uma ciência de aplicação internacional e a não desenvolver estudos que apontem dados particulares, de uma situação específica, e que passem a informação inadequada de que se trata de algo válido apenas intramuros. Alguns dos trabalhos apresentados tanto no congresso da IALP como no da SBFa irão se transformar em artigos da *Folia Phoniatrica e Logopedica* e da *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, publicações oficiais dessas duas associações. Um congresso é sempre uma prévia, uma forma de melhorar um estudo e submetê-lo a uma revisão imediata pelos pares (os resumos de ambos os eventos já estão disponíveis nos portais das sociedades), o que já é uma prática corrente entre nós.

Para compreender ainda mais a realidade atual e que se reflete no Congresso de Curitiba, no presente ano mais de 1700 temas foram enviados à SBFa para avaliação por seus Departamentos Científicos e Comissão de Ensino. A grade científica apresenta 219 atividades científicas coordenadas pela SBFa, além de uma programação de dois dias organizada pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia – CFFa, selando a saudável colaboração entre essas duas instituições, o que é essencial para nossa sobrevivência como classe independente. Além disso, um programa especial de capacitação profissional, com 13 cursos, desenvolvido cuidadosamente pelos nossos parceiros da indústria, presentes em quase 30 estandes, na maior feira nacional de exibidores da área, demonstra um movimento de aproximação entre a indústria e a ciência, sem precedente em nossa história profissional. Abrindo a programação de cada dia, as conferências principais, neste ano concedidas a não-fonoaudiólogos, têm como objetivo ampliar as nossas bases de discussão. Os temas apresentados são: Qualidade de vida do profissional da saúde (Patrícia Tempiski), Empreendedorismo (Carmen Lucia M. Ravedutti), Saúde do trabalho (João Maeso Montes), Plasticidade Cerebral e Reabilitação (Lúcia Zanotto de Mendonça) e ainda, sob maior expectativa, os desafios da Publicação Científica no Brasil (Gilson Volpato). Tivemos o maior número de inscrições para prêmios de Excelência em Fonoaudiologia e Menção Honrosa, com 178 trabalhos encaminhados para consideração inicial. A equipe dos avaliadores reduziu esse montante para 100 estudos, dos quais serão selecionados os 30 vencedores, apresentados e comentados pelos participantes da Comissão de Mérito Fonoaudiológico da SBFa. Para completar a dimensão do torque de nossa ciência, temos 271 trabalhos apresentados na forma de temas orais e 1214 como pôsteres.

O perfil dos participantes, em termos geográficos, mostra São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul como os três estados de maior representação no congresso, com São Paulo contribuindo com quase 40% do total de inscritos. Em termos de perfil profissional, 60% são fonoaudiólogos formados e 40% estudantes, mais da metade de cursos de pós-graduação. A festa é grande, motivos para celebrar temos de sobra, mas o que fazer com os 30.000 colegas que não são atingidos por essas ações nacionais e internacionais? Esse é o desafio, eles nos preocupam e exigem que desenvolvamos recursos democráticos de disseminação do conhecimento.

O trabalho é grande, a energia é interminável, pois pode e deve ser renovada. Que as novas gerações vejam na atitude de participar de uma sociedade de classe como membro ou como gestor, um ato de dignificar a profissão que se escolheu. Precisamos de ajuda e sabemos que a teremos!

Mara Behlau  
Presidente da SBFa